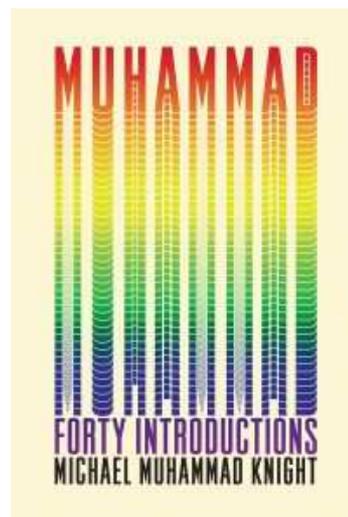


RESENHA

KNIGHT, Michael Muhammad. *Muhammad: Forty Introductions*. Nova Iorque: Soft Skull, 2019.

As Quarenta Introduções a Muhammad de Muhammad Knight

FELIPE FREITAS DE SOUZA *



Michel Muhammad Knight é provavelmente um dos escritores, artistas e acadêmicos muçulmanos mais polêmicos na contemporaneidade: o jornal *The Guardian* o descreveu como o “Hunter Thompson da literatura islâmica”¹ devido a sua obra *The Taqwacores*², onde descreve uma hipotética cena musical islâmica punk. Seu envolvimento com a banda punk Kominas, com músicas como *Sharia Law in the USA* (“Lei Sharia para os Estados Unidos”)³, também é digno de nota, uma vez que Muhammad Knight auxiliou no desenvolvimento desse Islam Punk (expressão atribuída ao autor) que havia imaginado. Todavia, esses relatos não devem obscurecer o fato de que o autor é Ph. D em Estudos Islâmicos pela Universidade da Carolina do Norte e atualmente é professor no Departamento de Filosofia da Universidade Central da Flórida, tendo realizado pesquisas, em uma

perspectiva islâmica, sobre magia, uso de ayahuasca e William Burroughs. Seu livro *Muhammad: Forty Introductions*, publicado pela Soft Skull, é sua obra mais recente e surpreende pelas referências abundantes e apreensões pouco ortodoxas do Islam.

Para aqueles que interpretam o Islam enquanto algo único, monolítico e estático, a obra contribui proficuamente para destruir tal estereótipo. Diversas leituras são mobilizadas por Muhammad Knight ao explorar as narrativas islâmicas elencadas, o que proporciona uma perspectiva caleidoscópica da religião ao leitor sem maiores conhecimentos sobre o Islam. O livro se propõe a ser um *arba'in* (أربعين), um subgênero da literatura de *hadith* (حديث, pl. *ahadith*, أحاديث), e compõe-se enquanto uma coletânea de quarenta narrativas sobre a vida do Profeta Muhammad. Tal gênero literário possui enquanto seu maior expoente *Os Quarenta Ditos* (الاربعون النووية, “Os Quarenta Nawawitas”) do Imam Abu Zakaria al-Nawawi (1233-1277 E.C.), obra extremamente difundida por sua síntese (sunita) de aspectos da religião islâmica. Qualquer *arba'in* tem como mote um tema: seja a apresentação da religião, sejam relatos divinos (*hadith qudsi*, حديث قدسي), sejam narrativas sobre

¹ Extraído de WHITAKER, Brian. *Punk Muslims*.

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2007/mar/19/sexdrugsandprayer>. Acesso em 23 de Julho de 2019.

² Junção das palavras *taqwa* (تقوى, “piedade” e “consciência de Deus”, termo polissêmico que ocorre mais de 250 vezes somente no Alcorão) e *hardcore* (gênero musical do *punk rock*).

³ Paródia de uma música da banda punk Sex Pistols, *Anarchy in the UK*.

os companheiros do Profeta, sejam relatos de diferentes narradores ou de um único narrador, suas possibilidades são virtualmente infundáveis. É por um desses motes que Muhammad Knight compõe o seu próprio *arba'in*.

Proposto enquanto ferramenta didática para contemplar sua docência em Estudos Islâmicos, o livro reúne diversos relatos da vida do Profeta Muhammad com a intenção de apresentá-lo para o leitor em suas diferentes imagens possíveis: cada um dos capítulos aborda um *hadith*, cada um deles escolhido como uma introdução à vida do Profeta. Assim como ocorre com outras personalidades nas Histórias das Religiões, Muhammad também possui diversas imagens e representações, não sendo uma figura estática, mas que apresenta uma miríade de facetas que variam pelas tradições que se recorrem para caracterizá-lo. Uma vez que não existe no Islam uma autoridade central com o domínio totalitário da religião, não existe um monopólio pelas representações do Profeta, mas sim diferentes caracterizações que, no limite, pode ser uma para cada fiel. É no encontro complexo entre o “conjunto de representações coletivas” e “escolhas de leitura pessoais” que reside a presente obra.

Os *ahadith* compilados têm como objetivo abordar quem é o Profeta Muhammad em uma perspectiva islâmica. A crítica do autor é de que muitas vezes as pessoas procuram compreender o Alcorão sem compreender o Profeta Muhammad, quando para praticamente todos os muçulmanos (com exceção do grupo Quraniyah, القرآنية, que rejeitam os *ahadith*) é necessário realizar esse movimento do Profeta para o Livro, do Livro para o Profeta, de ambos para o

mundo em que estão. Os *ahadith* são utilizados pelos intérpretes corânicos enquanto elementos-chave para compreender a Revelação, de maneira que tradicionalmente é impossível estudar o Islam e o Alcorão sem estudar o Profeta e o contexto social, histórico, político e religioso no qual se inseriu. As quarenta introduções são, portanto, quarenta reflexões inter-relacionadas sobre o Islam.

Para além de focar na figura individual do Profeta, o contexto no qual ele surgiu, viveu, modificou e ainda modifica é explanado em cada uma das introduções, além de trazer questões atuais. O contexto se coloca como de relevância central para compreendermos o papel da família do Profeta no misticismo islâmico, ou a importância de ‘Ali ibn Abi Talib para sunitas e xiitas, ou mesmo a própria geração de relatos sobre o Profeta por aqueles que se encarregaram de fazê-lo. É por meio desses relatos que perspectivas islâmicas são explicitadas.

Algo que o autor não evita são as questões polêmicas, abordando, dentre outras: a idade de casamento de Aisha bint Abu Bakr e a tendência orientalista em ignorar absolutamente toda sua história enquanto líder política e intelectual da comunidade islâmica em seus primórdios; a questão da homossexualidade no capítulo *Queering Muhammad*, onde discute homoafetividade e muçulmanos LGBTQ; as representações imagéticas do Profeta, com destaque para a representação de Muhammad enquanto um homem negro; o uso de narrativas falsificadas e as disputas de poder envolvendo os registros canônicos; as questões envolvendo a família do Profeta e como sunitas e xiitas significam seus familiares, com destaque para Fátima, filha do Profeta, e

seu relativo apagamento dos relatos sunitas; etc. Além da literatura islâmica clássica e da elaborada pelas minorias, Deleuze e Guerra nas Estrelas estão presentes, reflexões sobre feminismo islâmico e sobre o gênero de Deus também. A obra dialoga com conhecimentos tradicionais, contemporâneos, populares, obscuros: é uma pletera de como muçulmanos pensam, sonham e vivem o Profeta.

Em todos os capítulos, Muhammad Knight mobiliza fontes sunitas, xiitas, sufis, de grupos islâmicos marginalizados e minoritários, o que acaba sendo, por um lado, um possível problema ao elencar tais fontes como se tivessem o mesmo peso na história do pensamento islâmico ou para as comunidades existentes atualmente. Por outro, apresenta tais leituras e suas pluralidades, recusando a fornecer um ponto final sobre a vida do Profeta: interpretar Muhammad e conhecê-lo é um exercício que cada estudioso do Islam, muçulmano ou não, continua e continuará realizando até o fim da vida. O volume de textos é intimidador, as possibilidades interpretativas são imensas, a tradição teórica é riquíssima. Mesmo um escritor experiente como Muhammad Knight encontra uma série de limitações em um exercício interpretativo de tal magnitude quanto apresentar o Profeta em sua complexidade.

A reunião de elementos pressupõe uma fragmentação prévia. O Profeta

Muhammad foi compreendido por diversos ângulos, uma vez que se coloca enquanto exemplar e figura de orientação para os muçulmanos: seja enquanto guerreiro, comerciante, marido, líder religioso, amigo, místico, etc., cada conjunto de relatos que se faz sobre ele pode ter como intencionalidade apreendê-lo sob este ou aquele aspecto. Muhammad Knight então procura responder à questão de como devemos pensar sobre o Profeta, compartilhando de sua relação íntima com ele – o autor tornou-se muçulmano muito antes de escrever essa obra.

Se o leitor objetiva aprender sobre o Islam e sobre seu Profeta, este livro é um ponto de partida possível. Relacionando observações pessoais, pesquisa acadêmica e religião, Muhammad Knight oferece um relato adensado e particular de um Profeta que, mais do que um indivíduo, é um evento a ser compreendido. Muhammad, o Profeta, foi humano; não teve estatuto de divindade nem de manifestação corporal de divindade, não é um elemento de uma trindade politeísta, não é uma criatura sobre-humana. Quem o Profeta é ou pode ser no coração e na prática de cada fiel é uma questão de absoluta relevância e que se estende desde o século VII da Era Comum até os dias de hoje.

Recebido em 2019-07-24

Publicado em 2019-09-11



* **FELIPE FREITAS DE SOUZA** é Mestre em Educação Tecnológica (CEFET - MG), membro do GRACIAS (Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes) e Divulgador do Islam (Instituto Latino Americano de Estudos Islâmicos).